

“Aquele único e longo ano de Galba, Otho e Vitélio” (TÁC. *Dial.*, 17): as guerras civis de 69*

*“That single long year of Galba, Otho and Vitellius”
(TÁC. Dial., 17): the civil wars of 69 AD*

Ygor Klain Belchior**

Resumo: Esse artigo pretende analisar os limites das principais contribuições historiográficas sobre o ano dos quatro imperadores. Partiremos, primeiramente, de uma visão global dos conflitos originados após o governo de Nero, ressaltando a complexidade de estudarmos o período em questão. Em seguida, pretendemos destacar as versões que a historiografia sobre o tema nos traz para explicar a queda desse polêmico imperador, além de apresentarmos quais os enfoques que os pesquisadores dão aos conflitos do ano de 69 e seus respectivos limites. Feito esse exercício, iremos propor uma nova maneira que permite pensarmos o período em questão para além dos limites metodológicos apontados por este trabalho.

Abstract: This article aims to analyze the limits of the main historiographical contributions on the Year of the Four Emperors. First of all, we start from an overview of the conflict arising after the government of Nero, highlighting the complexity of the period. Then, we intend to highlight the versions that this historiography has brought to us on the this subject to explain the fall of this controversial emperor, with the intention of presenting the approaches that researchers give to the conflicts of year 69 and their respective limits. After this exercise, we will propose a new way that leads us to think about the period in question beyond the methodological limits that were previously indicated by this work.

Palavras-chave:

Nero;
Guerras civis;
Principado romano.

Keywords:

Nero;
Civil Wars;
Roman Principate.

Recebido em: 13/06/2013
Aprovado em: 04/07/2013

* *Atque illum Galbae et Othonis et Vitellii longum et unum annum.*

** Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir), Professor de História Antiga e Medieval da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).

No dia 9 de junho de 68,¹ o Império Romano presenciava o suicídio do último imperador da dinastia Júlio-Cláudia, o *princeps* Nero Cláudio César Augusto Germânico. Com a morte deste soberano, o governo de Roma foi entregue, com o consentimento do Senado, da Guarda Pretoriana e dos exércitos da Hispânia e da Lusitânia, a um velho senador de setenta anos de idade. Seu nome era Sérvio Sulpício Galba, o primeiro de quatro imperadores que governaram o Império Romano durante o ano de 69.

Ao observarmos as fontes que lidam com os acontecimentos da vida de Galba, podemos perceber que seu reconhecimento como *princeps* pelo Senado romano exprimia, primordialmente, o apoio dado pelos exércitos da província da Hispânia, que, após a revolta de Júlio Vindex, na Gália, em 68, se prontificaram a apoiar a candidatura imperial de seu velho general (Dião Cássio, *História Romana*, LXIII, 2; Josefo, *Guerras Judaicas*, IV, 494; Plutarco, *Vida de Galba*, 7, 2; Suetônio, *Vida de Galba*, IX e X). Como resultado dessas insurreições, e antes mesmo da morte de Nero, Galba foi aclamado *Caesar* e Legado do Senado e do Povo romano pelas tropas que o apoiavam, na região de Nova Cartago, entre os dias 2 e 3 de abril de 68 (Suet., *Vit. Gal.*, XI). Além disso, o futuro imperador também passava a contar com o apoio de Otho, um antigo companheiro de Nero, que contribuiu com metais preciosos para pagar as tropas insurgentes (Plut., *Vida de Galba*, 20, 3), e também com a deserção de importantes comandantes das tropas neronianas, como Rufo Gallo e P. Petrônio Turpiliano (Plut., *Vit. Gal.*, 20, 3.).

O governo de Galba durou aproximadamente sete meses (de 8 de junho de 68 ao dia 15 de janeiro de 69). Seu principado foi marcado por uma forte preocupação em reorganizar os assuntos financeiros do Império que haviam sofrido uma grande turbulência nos anos finais do governo de Nero, principalmente por causa da reconstrução de Roma, no pós-incêndio de 64, e pela construção da *Domus aurea*.² No entanto, apesar dessa política de reestruturação econômica, outra preocupação que assolou a política do velho senador, e talvez a maior dentre todas elas, era a de encontrar um herdeiro que pudesse substituí-lo no governo do Império após a sua morte. Atitude esta que não seria facilmente aceita por todos os envolvidos em sua

¹ Todas as datas citadas nesse artigo devem ser lidas com as terminações d. C. (depois de Cristo) ou E. C. (era comum).

² Embora também tenha sido muito criticado pelas fontes por sua avareza no comando do Império. (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIV, 3, 4; Tác., *Hist.*, I, 20 e 21).

empreitada para derrubar o antigo imperador (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIV, 5; Plut., *Vit. Gal.*, 21, 2 e 3; Suet., *Vit. Gal.*, XVII e X; Tác., *Hist.*, I, 13).

Sobre esse episódio, as fontes nos trazem dois postulantes a herdeiro de César: o futuro imperador Marco Sálvio Otho, um homem de origem nobre e que havia suportado a empreitada de Galba com todas as suas forças, e o escolhido Lúcio Calpúrnio Pisão Liciniano. Essa escolha desagradou profundamente o preterido a tal ponto que uma atitude drástica teria que ser tomada. O resultado foi a elaboração de um plano que visasse ao assassinato do *princeps* e a substituição deste por Otho. Neste complô, que teve seu desfecho dias após a sua escolha como herdeiro do imperador, é possível observar a participação de membros da Guarda Pretoriana como executores de Galba e também na aclamação de Otho como imperador. Esta última se deu dentro dos muros do acampamento da Guarda, na presença de apenas vinte e três soldados (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIV, 6, 5; Plut., *Vit. Gal.*, 27; Suet., *Vit. Gal.*, XIX e XX; Tác., *Hist.*, I, 29-49). Além disso, apesar dos crimes cometidos dentro da Capital,³ o Senado se posicionou a favor de Otho, concedendo-lhe o título de *princeps* e reconhecendo-o como imperador no mesmo dia da morte de seu antecessor. Seu governo durou nove meses e treze dias.⁴

Apesar de sua vitória, Otho, como novo governante do Império Romano, já enfrentava um novo problema originado dias antes de sua ascensão. Em 2 de janeiro de 69 (13 dias antes mesmo da morte de Galba), e com o apoio de sete legiões descontentes com a escolha dos exércitos da Hispânia, o governador da Germânia Inferior, Aulo Vitélio, era saudado pelas tropas localizadas na cidade de Colônia como *Caesar* (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIV, 5; Jos., *Guer. Jud.*, IV, 546; Plut., *Vit. Oto*, 4, 2- 3; Suet., *Vit. Oto*, VIII; Tác., *Hist.*, I, 50). Posição que *a priori* por ele foi refutada até que, ao saber das notícias de que Galba havia sido assassinado e que agora Otho era imperador, o novo candidato ao Império se pôs a marchar contra os exércitos que apoiavam o *princeps*. E, já no dia 23 de janeiro de 69, o postulante ao lugar de imperador já se encontrava na região de Toul, na França, enquanto dois dos seus fiéis comandantes avançavam rumo ao norte da Itália.⁵

³ Galba foi assassinado nas escadarias do Fórum e seu sucessor teve o mesmo destino, nas portas do templo de Vesta;

⁴ Sigo aqui a cronologia adotada por Dião Cássio. (*Hist. Rom.*, LXIV, 6, 5).

⁵ Eram eles Caecina Alieno e Fábio Valente.

Sabedor dos planos do governante da Germânia Inferior, o imperador tentou se relacionar com ele através de correspondências, inclusive enviando uma embaixada senatorial e oferecendo a possibilidade de seu concorrente se tornar seu filho adotivo (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIV, 10, 1; Plut., *Vit. Oto*, 4, 4; Suet., *Vit. Oto*, VIII, 1; Tác., *Hist.*, I, 50). No entanto, nenhuma dessas ofertas afastou Vitélio de reunir suas tropas e de lutar pelo poder de Roma. Afinal, e tendo em vista a aclamação de Galba por apenas uma legião, outro exército também teria direito a nomear um novo imperador. Somado a esse apoio, Vitélio ainda encontrou a aderência dos governadores da Bretanha, da Gália belga e Central, da Récia e da Panônia (Plut., *Vit. Oto*, 4, 2, 3; Tác., *Hist.*, I, 64 a 70).

A atitude tomada por Otho foi a de marchar com as tropas que o apoiavam em direção ao inimigo. Assim, saiu de Roma marchando com a Guarda Pretoriana e com o apoio de oito legiões do Oriente: 3 da Síria, 3 da Judeia e 2 do Egito. O grande encontro ocorreu no norte da Itália próximo a região de Cremona. A batalha foi travada no dia 14 de abril de 69, decretando a superioridade das tropas vitelianas e a derrota do então imperador Otho, que, com a ajuda de um liberto, tirou a sua própria vida três dias depois. Seu governo durou três meses (15 de janeiro de 69 – 16 de abril de 69).⁶

Pouco sabemos sobre o governo de Vitélio, pois as informações que podemos extrair das fontes são inteiramente focadas em sua marcha para Roma e as convulsões ocorridas pelas tropas de Vespasiano, na Judeia, além de algumas informações de cunho biográfico que podem ser encontradas na obra de Suetônio. No entanto, podemos precisar que seu governo durou aproximadamente cinco meses (17 de abril de 69 – 20 de setembro de 69). Como relatam as fontes sobre o período, o comandante da Judeia já demonstrava certo interesse em assumir o Império há alguns meses antes do governo de Vitélio (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXV, 8, 3 e 4; Jos., *Guer. Jud.*, IV, 588 a 592; Suet., *Vit. Vesp.*, V, 6; Tác., *Hist.*, II, 6). Esse interesse foi levantado graças a uma viagem de seu filho Tito para saudar o novo imperador de Roma, Galba, após a morte de Nero. Ao chegar a Corinto, o filho de Vespasiano se deparou com a notícia do assassinato do velho imperador, da ascensão de Otho e de que as tropas vitelianas já se encontravam em marcha para combater o usurpador do Império. Sua primeira reação foi a de retornar para a Judeia, mas não sem antes enviar Agripa, um dos reis clientes de Roma, para a Capital em busca de maiores notícias sobre os acontecimentos funestos (Suet.,

⁶ Sigo aqui a cronologia adotada por Dião Cássio. (*Hist. Rom.*, LXIV, 15, 2).

Vit. Vesp., V; Tác., *Hist.*, II, 1 a 6). Afinal, com esses acontecimentos, Vespasiano, que contava com o apoio das tropas do Oriente, também poderia se tornar imperador.

E, no dia 1 de julho de 69, ou seja, cerca de três meses e meio após a ascensão de Vitélio, Vespasiano era saudado como imperador pelas legiões da Judeia e da Síria, em Alexandria (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXV, 9, 3; Jos., *Guer. Jud.*, IV, 605; Tác., *Hist.*, III, 8). Deflagrada a notícia de que um novo imperador havia sido proclamado, não tardou para que outras legiões do Oriente passassem a apoiar Vespasiano contra Vitélio. Assim, passamos a observar que no mesmo mês de sua aclamação, o general também reuniu sobre seu partido as legiões estacionadas na Mésia, Panônia, Dalmácia, Egito, Galácia, Capadócia, Bitínia, além, é claro, dos exércitos anteriormente citadas, localizados na Judeia e na Síria. Sua força total era composta de aproximadamente 30.000 legionários (WELLESLEY, 2000, p. 122). No entanto, apesar de sua precoce aclamação como imperador, as tropas de Vespasiano somente começaram sua marcha contra Vitélio em 22 de Outubro de 69, quando adentraram a Via Postúmia em direção à região de Bedriaco, localizada no norte da Península Itálica. Deflagrada a batalha, e com a traição de Caecina Valente, que passou para o lado de Vespasiano, seus exércitos venceram o inimigo e se colocaram em marcha para Roma para conquistar em definitivo a Capital do Império.

Em 18 de dezembro, o imperador Vitélio presenciou a Capital do seu império cercada por inimigos. À vista das dificuldades que enfrentaria, o *princeps* pensou em uma maneira de transferir o seu comando ao novo postulante sem que nenhuma nova batalha fosse deflagrada (Tác., *Hist.*, III, 67). Essa proposta foi duramente repelida pela população de Roma, que cada vez mais depositava seu apoio em Vitélio. A sua escolha, portanto, foi a resistência. Isso acarretou em seu assassinato aos pés das Gemônias por soldados das tropas danubianas, que mal sabiam quem era o imperador (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXV, 21, 2; Tác., *Hist.*, III, 84). Era o dia 21 de dezembro de 69, e o Império Romano presenciava a fundação de uma nova e duradora dinastia: a Flávia.⁷

Em suma, através desse panorama sobre os acontecimentos referentes ao ano dos quatro imperadores, podemos perceber que durante o período de 11 de junho de

⁷ Dião Cássio realiza uma contagem entre o dia da morte de Nero e a ascensão de Vespasiano. Para ele, "desde a morte de Nero até o começo do governo de Vespasiano se passaram um ano e 22 dias" (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXVI, 17, 4). Assim, o que fica evidente nessa contagem é que o historiador considera válida a ascensão de Vespasiano e a primeira proclamação feita pelos Alexandrinos, em 69, quando Vitélio ainda era imperador.

68 (a morte de Nero) e o dia 21 de dezembro de 69, o Império Romano vivenciou uma situação muito próxima a uma “anarquia militar”, pois, como foi apontado, três desses novos governantes alcançaram as suas posições de *princeps* graças aos destacamentos militares provincianos (Galba, Vitélio e Vespasiano). Além deles, também é importante destacar a participação efetiva da Guarda Pretoriana na ascensão de Otho, demonstrando que, pelo menos na visão de Dião Cássio, a dignidade de imperador poderia ser comprada junto com as tropas (Dio Cás., *His. Rom.*, LXV, 9, 2).

Sobre esse período conturbado da História de Roma, podemos apontar algumas obras que trabalharam seus ricos temas. Em uma visão geral sobre essas produções, é possível descrevê-las como sendo compostas basicamente através de romances históricos e até mesmo das biografias individuais de cada imperador. No âmbito da literatura, por exemplo, podemos citar as contribuições de Allan Massie, autor que produziu um romance intitulado *Nero's heirs* e a contribuição de Max Mallmann, intitulada *O centésimo em Roma*. Em ambas as obras é possível observar uma abordagem do período sob a forma de um romance histórico, já que mesclam fatos históricos com a imaginação do autor. Já no âmbito dos estudos biográficos, podemos citar as contribuições de L. Braun, D. T. Benediktson, J. W. Burke, R. E. Ash e G. B. Townend, autores que se debruçaram na empreitada de comentar as diferenças entre as biografias antigas escritas por Suetônio e Plutarco sobre os imperadores do ano 69.

No campo da historiografia, onde reside nosso maior interesse, podemos observar que nos manuais mais gerais sobre o Império Romano não é possível encontrar uma descrição mais detalhada sobre as guerras civis de 69. Como exemplo, podemos citar a contribuição de Guglielmo Ferrero, em uma obra publicada em 1947, e intitulada *História romana*, que nos oferece um capítulo dedicado ao governo de Nero e a chamada quarta guerra civil. Em sua abordagem, esse período conturbado da história romana não mereceu nada mais que alguns comentários sobre as manobras militares e sobre o curto governo de cada um dos imperadores. Já outra contribuição geral que merece ser lembrada é a de Bernard W. Henderson, intitulada *Civil War and Rebellion in the Roman Empire*, publicada em 1908. Nessa obra, quando suas atenções se voltaram ao período em questão, Henderson se incumbiu da tarefa de reconstruir a história militar de 68/69 com o intuito de dar um “sentido” às confusas e contraditórias narrativas das fontes antigas. O resultado de tal trabalho, apesar de seus méritos, não passou da construção de uma nova narrativa altamente influenciada por conflitos de

sua época, como a guerra Franco-Prusiana (1870) e a guerra Russo-japonesa (1904-1905), que resumiam os principais pontos de Tácito, Suetônio, Plutarco e Dião Cássio em uma nova tonalidade literária.

Além dessas obras gerais, podemos citar algumas contribuições acerca dos conflitos civis de 68 e 69. Dentre elas, podemos destacar as contribuições de Peter Greenhalgh, *The Year of Four Emperors*, publicada em 1975, e a obra que consideramos como a mais influente sobre esse período, intitulada *The Long Year: A.D. 69*, de autoria de Kenneth Wellesley e publicada em 1976. Em ambas as obras, podemos observar um estudo rigoroso de uma das fontes mais importantes sobre o período: as *Histórias*, de Tácito. Greenhalgh, por exemplo, acredita piamente na versão oferecida pelo historiador latino, inclusive nos oferecendo um relato muito próximo àquele que fora escrito por Tácito. Dessa maneira, nos legou um trabalho com extensas notas e discussões que visam a esclarecer alguns pontos obscuros das *Histórias*, mas que nada contribuem para o desenvolvimento de um novo panorama sobre o período entre Nero e Vespasiano. Já o segundo autor que citamos, Wellesley, além de possuir uma extensa carreira dedicada ao estudo de Tácito, atuando também como tradutor de suas obras,⁸ é um autor que se propõe a desconfiar das narrativas compostas por este historiador. Dessa maneira, nos oferece uma obra onde busca encontrar as distorções da realidade que foram legadas pelas fontes, além de se prender em muitos detalhes sobre a topografia e as atividades militares.

Quais são os efeitos de uma guerra civil? Pensar sobre esse tema, ao que nos parece, sempre foi uma constante na história de diversos impérios e Estados modernos. Afinal, o que poderia ser mais nocivo a uma comunidade do que uma guerra entre irmãos? Na Antiguidade, esse tema também mereceu uma atenção especial, destacando-se em diversas contribuições muito importantes para o estudo das primeiras civilizações e também no apogeu do mundo greco-romano. Nesse conjunto de contribuições, podemos citar como ilustração de nosso argumento duas grandes guerras civis relatadas por historiadores clássicos, e que foram muito estudadas por uma vasta tradição, a Guerra do Peloponeso, narrada por Tucídides, e as guerras civis entre César e Pompeu, narradas por Júlio César e pela poesia de Lucano.

Mas o que extrair dessas narrativas? Se, por um lado, ao analisarmos a obra de Lucano, podemos perceber o quanto as Guerras Civis poderiam ser lidas através de uma

⁸ TACITUS. *The Histories*. Translated by Kenneth Wellesley. London: Penguin, 1995.

ótica que privilegiasse as horrendas mortes causadas por irmãos que lutavam por dois partidos distintos (LUCANO, *Farsália*, II, 59-63), de outro, nos *Commentarii de Bello Civili* (*Comentários sobre as Guerras Civis*), de Júlio César, é possível perceber as manobras de propaganda militar que visavam à aderência dos cidadãos romanos e das tropas, estivessem eles na capital ou nas províncias. Essas manobras visavam não só à aderência desses indivíduos à causa dos generais, mas também eram extremamente importantes para uma logística da guerra, pois poderiam facilitar o fornecimento de cereais, armamentos e, principalmente, metais preciosos para a cunhagem de moedas. Ou seja, é possível indicar que essa longa cadeia de favores que se originava do centro de determinada facção, neste caso, a de César, aglomerava em seu interior desde os senadores, equestres, magistrados, cidadãos, até a fidelidade de algumas cidades provinciais, que poderiam decidir se apoiavam, ou não, determinados generais durante as guerras civis. Fato semelhante ao que podemos observar nos anos de 68 e 69.

Como exemplo, podemos citar os conflitos originados com a revolta de Vindex, em 68 e que marcou o início da derrocada do governo neroniano. Como concorda a historiografia, a ideia de Vindex não era a de separar a província da Gália do jugo romano (WIEDEMANN, 2006, p. 257), mas a de lutar para a retirada do tirano Nero do poder e a sua substituição por algum concorrente digno, que ainda não havia sido definido (Galba se juntou à causa do gaulês posteriormente ao início da insurreição).⁹ Para combater os insurgentes, Nero enviou as legiões localizadas na Germânia, sob a liderança de Virgínio Rufo. No entanto, ao marcharem em direção aos rebeldes, as tropas de apoio de Nero foram barradas na cidade de Vesontio (atual Besançon), na Gália, que, ao fechar suas portas, se posicionava de maneira hostil aos adversários de Vindex (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIII, 24). Por outro lado, também é possível observar, na narrativa taciteana, que a ideia de uma insurreição contra Nero também não era algo consensual em todas as cidades da Gália, já que os exércitos de Galba encontraram oposição nas comunidades de Treviri e Lingones, que decidiram apoiar Nero (TÁC., *Hist.*, I, 57).

Para além desses exemplos, também cabe citar a preocupação inicial de Vespasiano, que, antes de marchar para a guerra contra Vitélio, promoveu uma viagem

⁹ Como exemplo, para Dião Cássio, Vindex não queria reclamar o título de imperador a sua pessoa. Para ele, existiam inúmeros problemas do imperador que eram contestados, como o fato de Nero ter destruído o Senado, matado sua mãe e de não preservar a aparência esperada de uma autoridade suprema (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIII, 3).

a Alexandria, no Egito. O motivo de tal manobra é controverso, pois, em Tácito e em Dião Cássio, é possível perceber que essa empreitada serviria para assegurar a provisão de trigo para suas tropas, além de servir como ponto de coleta de metais preciosos (usados em moedas para o pagamento dos soldados), de armamentos para o combate e, principalmente, de contingente militar (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXV, 8 e 9; Tác., *Hist.*, II, 80 a 82). Já, por outra via, Flávio Josefo afirma que tal manobra era para sufocar a cidade de Roma com a falta de provisões e, assim, ganhar a guerra (Jos., *Guer. Jud.*, IV, 606). De uma forma ou de outra, fica claro que uma logística em busca do apoio das províncias deveria ser traçada antes de qualquer batalha. E isso significava que poderiam existir tropas e até mesmo membros da mais alta administração provinciana que se posicionariam como hostis ao governo vigente.

Mas como essa hostilidade (que dependia de grandes faixas territoriais) poderia ser feita? Existiam grupos de oposição ao governo imperial que eram pré-moldados antes mesmo de seu governo ser contestado? Como essas alianças e a fidelidade para com o imperador eram quebradas? Quais eram os motivos que levavam as tropas a negar o voto de fidelidade que tinham para com o imperador? Por que Galba não conseguiu fundar uma nova dinastia? Quais são os motivos que levaram as tropas da Germânia a se rebelarem contra Galba e depois contra Otho? Por que Vespasiano partiu para a ofensiva, mesmo comandando uma guerra contra os judeus? Qual era o papel do Senado dentro desse quadro de constantes revoluções? Qual era a situação na Capital do Império? Era mais fácil fazer um imperador fora de Roma ou dentro de Roma? Ou ainda, era possível fazer um imperador somente fora de Roma ou era imprescindível ganhar algum apoio dentro dos muros da Capital do Império? E, por fim, mas através de uma pergunta que é essencial para nossas reflexões, por que Nero foi substituído? Em suma, essas são perguntas que a historiografia sobre o período não consegue desenvolver de maneira satisfatória. Sendo assim, pretendemos em reflexões futuras, desenvolver essas questões a partir dos anos finais do governo de Nero para, por fim, apresentar um panorama muito mais amplo do que aquele que foi desenvolvido anteriormente. Dessa maneira, convém iniciar nossas reflexões através do estudo dos anos finais do governo de Nero e do consequente fim da dinastia Júlio-Cláudia.

Ao estudarmos o sistema de governo inaugurado por Augusto, seja através de fontes seja pela historiografia moderna, podemos perceber que a dinastia Júlio-Cláudia

(Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero) possui um lugar de destaque dentro de uma vasta quantidade de produções intelectuais sobre o Império Romano. Composta por imperadores muito polêmicos, essa dinastia sempre foi entendida através de um arquétipo que visava a traçar uma linha decrescente partindo do “modelo” imperial de Augusto (31 ou 27 a. C.- 14 d. C.), e que se direcionava aos anos de Nero (54-68), o imperador que se colocou a cargo de extinguir uma dinastia, deixando o Império Romano novamente à mercê dos conflitos civis.

No campo dos estudos críticos sobre Nero também podemos observar o desenvolvimento de uma historiografia que tende a observar este imperador como um dos piores governantes que chefiaram o Império Romano. Como exemplo, e dentro dessa mesma lógica de interpretação, o autor Guglielmo Ferrero, em uma obra publicada em 1947, e intitulada *História romana*, nos oferece um capítulo dedicado ao governo de Nero e à chamada quarta guerra civil.¹⁰ Segundo o autor, “a riqueza, o poder, as adulações despertaram rapidamente no jovem os maus instintos até então ocultos, sobretudo seu amor aos prazeres e seu caprichoso exotismo” (FERRERO, 1947, p. 221). Nesta mesma análise, podemos perceber que Nero aparece como um imperador covarde e que fora manipulado pelas mulheres de sua corte, Agripina *minor*, Acte e Popeia. Já após a morte de seus tutores, o imperador teria se libertado daqueles que pensavam no bem da República e passou, com o auxílio do inescrupuloso Tigelino, a combater a tradição romana, que era sustentada por um Senado fraco. No final, na análise de Ferrero, a quarta guerra civil seria uma atitude do povo e dos senadores contra imperadores tiranos, neste caso, contra Nero.¹¹

Essa visão que por muitos anos foi apresentada pela historiografia sobre o principado neroniano pode ser facilmente justificada pela leitura das fontes desse período. Dentre elas, podemos citar brevemente as reflexões de Flávio Josefo, em suas *Guerras Judaicas*, quando o historiador afirma que Nero abusou do poder e deixou os negócios do Estado nas mãos de depravados (Jos., *Guer. Jud.*, IV, 480), e também as apresentadas por Dião Cássio, em sua *História de Roma*, que relata a felicidade geral da população de Roma, quando da morte de Nero, que saiu às ruas ostentando as capas

¹⁰ Segundo o autor, as três primeiras guerras civis seriam aquelas que opuseram Mário e Sula, César e Pompeu, Otaviano e Marco Antônio, ainda na República.

¹¹ Para além dessa contribuição, podemos citar outras obras que trabalharam com a ideia de que o fim do principado neroniano se deu graças às atitudes tirânicas adotadas por Nero. Para maiores exemplos, ver AUGUET; CAZENAVE (1995), ROSTOVTZEFF (1977), RUDICH (1993); WARMINGTON (1969).

de liberdade e oferecendo sacrifício ao novo imperador (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIII, 29). Em suma, essas fontes serviram de base para que o nome de Nero fosse eternizado na galeria dos maus imperadores, inclusive servindo de base para que a sua conduta fosse interpretada através da noção de que ele era um dos piores exemplos que a tirania poderia oferecer. Esta visão se baseia em passagens que comprovam que a figura de Nero era utilizada para medir o quanto um governante era tirano. Como exemplo, podemos citar as palavras de Tácito que foram proferidas como uma crítica ao imperador Domiciano: "Nero, todavia, desviou seus olhos, ordenou crimes, mas não os contemplou; a principal de nossas misérias, durante Domiciano, era a de ter visto, quando se tomava nota de nossos suspiros" (TÁC., *Vit. Agríc.*, 45). Assim, nessa passagem fica evidente a formulação de um retrato negativo deste imperador, inclusive servindo como margem para desenhar outro tipo de limite: Domiciano era, pelo menos para Tácito, pior do que Nero.

Mas, voltemos a Nero. As pesquisas mais recentes sobre esse principado partem da proposta de que existe certo exagero por parte das fontes na construção da imagem desse polêmico imperador. E essa máxima vale principalmente para as leituras embasadas em Tácito, Suetônio e Dião Cássio, pelo fato de que essas fontes foram compostas depois da morte desse polêmico governante, e, portanto, se apropriaram de outras visões que já haviam sido cunhadas, como a de Clúvio Rufo, Fábio Rústico e Plínio, o Velho (CHAMPLIN, 2003, pp. 36-56). Ou seja, autores que se posicionaram de maneira hostil ao imperador.¹² Assim, convém afirmarmos que nosso primeiro objetivo é adotar essa nova perspectiva historiográfica que lida com a releitura da personalidade e do governo de Nero, mas não com o intuito de fazer uma defesa dele. Nosso objetivo aqui é o de elaborar outras hipóteses para a sua sublevação que não sejam as mesmas que foram calcadas nos defeitos pessoais e na conduta individual desse governante. Afinal, as insurreições de Vindex, Macer, de Galba e as guerras na região da Judeia não foram marcadas somente pelo apoio a aristocratas descontentes com o imperador, mas, principalmente no caso de Galba, partiram de um descontentamento geral da província e dos exércitos em relação a motivos muito maiores do que as desventuras de um "mau imperador".

Para tanto, podemos partir da hipótese de que a insatisfação quanto a sua gestão como imperador pode ter sido originada após os acontecimentos funestos de 64,

¹² GRIFFIN (1984) e JOLY (2005).

quando a cidade de Roma sucumbiu rapidamente a um incêndio devastador. Findado o fogo, o imperador se incumbiu da tarefa de reconstruir a cidade através de um novo planejamento urbano e da construção de um palácio (*Domus aurea*) que tomaria grande parte do centro de Roma e serviria de residência para o imperador.¹³ Assim, para realizar seus planos de construção, o imperador promoveu uma enorme campanha de arrecadação de dinheiro das províncias que compunham o Império. Quadro que gerou grande insatisfação por parte dos provincianos, como também nas tropas que defendiam esses territórios, que, segundo Brian Campbel, eram compostas, primordialmente, por indivíduos nascidos nessas províncias, e que ali estavam por um longo período de tempo. Dessa maneira, esse contingente militar possuía grandes laços de afinidade e de amizade para com a população local, inclusive levantando armas para defender os interesses provincianos (CAMPBEL, 2002).

Esse quadro de descontentamento também pode ser encontrado em algumas passagens contidas nas fontes sobre o período. Como exemplo, no segundo livro das *Guerras Judaicas*, de Flávio Josefo, é possível observar que o estopim dos conflitos entre romanos e judeus foi o fato de que as cobranças de impostos feitas pelo procurador da Judeia, Gésio Floro, estavam se tornando onerosas e por demais sangrentas (Jos., *Guer. Jud.*, II, 276 a 307). Essa mesma realidade é confirmada pelo relato de Dião Cássio, quando este afirma que o motivo das revoltas dos judeus era a irritação com a opressão e as taxas que eram impostas pelos Romanos (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIII, 1). O mesmo vale para a revolta de Vindex, na Gália, que se amotinou contra os impostos e as cobranças desnecessárias promovidas por Nero (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIII, 3). Esse fato, dentro de nossa hipótese, poderia ter sido preponderante para que a insurreição na Gália tivesse origem e ganhasse adeptos em outras províncias do Império, como a Hispânia.

Como sabemos, mesmo após a derrota de Vindex pelas mãos das legiões da Germânia, Galba saiu vencedor nesses conflitos e favoreceu enormemente as tropas de sua antiga província e as da Gália, as mesmas que haviam sido derrotadas pelos exércitos germânicos (Tác., *Hist.*, I, 51). Dentre esses favorecimentos, algumas promoções foram distribuídas, mas, principalmente, é interessante notar que o

¹³ Cabe aqui destacar que alguns autores elogiam a atuação de Nero na reconstrução e embelezamento da cidade de Roma no pós-incêndio de 64. Dentre eles, podemos citar as contribuições de T. E. J. Wiedeman e de David Shotter, que elogiam a maneira como Nero prestou socorro às vítimas e também a forma que dirigiu as construções que foram erguidas na cidade de Roma.

imperador fez questão de diminuir as taxas que eram pagas por aquela população, além de conceder a cidadania romana a algumas pessoas (TÁC., *Hist.*, I, 53). Esse fato desagradou enormemente as tropas localizadas na Germânia a tal ponto que o próximo passo que seria trilhado por eles era o de escolher um novo imperador: Vitélio (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIV, 4, 1- 2; Jos., *Guer. Jud.*, IV, 546; Plut., *Vit. Gal.*, 18, 7; Suet., *Vit. Gal.*, XVI; Tác., *Hist.*, I, 52).

No entanto, enquanto esses planos de sublevação aconteciam no norte da Europa, na Capital, Otho colocava o seu plano em ação. O resultado desse esquema foi o assassinato de Galba e seu reconhecimento como *princeps* por vinte e três soldados da guarda pretoriana e, posteriormente, pelo Senado romano (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIV, 6, 5; Jos., *Guer. Jud.*, IV, 499; Plut., *Vit. Gal.*, 25, 1; Suet., *Vit. Otho*, 6; Tác., *Hist.*, I, 27). Após esses acontecimentos, o que podemos observar é a marcha dos exércitos de Vitélio (leiam-se exércitos germânicos) em direção à cidade de Roma e a contraofensiva preparada por Otho. Esta última, que contou com o apoio das demais legiões do Império, inclusive as da Mésia, Dalmácia, Panônia e as de Vespasiano, no Oriente (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXIV, 10, 3; Plut., *Vit. Gal.*, 25, 1; Tác., *Hist.*, II, 11). Afinal, Otho era o imperador de Roma e era o dever das tropas o de atender ao ser chamado. Com o seu suicídio e com o reconhecimento de Vitélio como imperador, o que passamos a observar é o favorecimento por parte do imperador aos germanos, fato que serviu como desagrado às tropas do Oriente (Dio Cás., *Hist. Rom.*, LXV, 8, 4; Jos., *Guer. Jud.*, IV, 589 a 604.), além de uma preocupação constante por parte de Vitélio em ganhar o apoio da Guarda Pretoriana, antiga defensora de Nero e de Otho (Tác., *Hist.*, II, 67).

Em suma, como podemos perceber, essas novas hipóteses, que focam na releitura dos anos finais do governo de Nero e na atuação provinciana dentro de uma ótica mais logística da guerra civil, se colocam como meios interessantes para estudarmos esse período tão conturbado da história romana. Essa nova ótica embasada em novas hipóteses e questões, portanto, se afasta das antigas narrativas militares propostas pela historiografia, principalmente por sugerir uma nova metodologia de se pensar o ano de 69 que não seja através de uma reflexão fechada nesse período de tempo, mas que o inclua dentro de uma continuidade do Principado, seja através do estudo dos anos finais do governo de Nero, como também dos primeiros anos do governo.

Diferentemente das produções que citamos na primeira parte deste artigo, pretendemos, em estudos futuros, adentrar em um debate muito mais amplo sobre o ano dos quatro imperadores. Não é nosso intuito estudar esse período marcado pelas guerras civis através de um recorte cronológico que englobe apenas esse “longo e único ano” de 69. Sendo assim, pretendemos atentar para os anos finais do governo de Nero com o propósito de estudar os fatores que, além de contribuírem para a queda desse imperador, também fomentaram insurreições nas províncias do Império, como na Gália (com Vindex) e na África (com Clódio Macer). Nesse sentido, convém darmos maior atenção aos motivos que convulsionaram as diversas províncias do Império, a tal ponto que sustentaram a candidatura de seus líderes militares e governadores, do que nos atermos às longas e intermináveis narrativas sobre as táticas militares e os avanços das tropas. Afinal, esse período de *stasis* não chegou perto de uma grande anarquia que poderia destruir todo o Império, pois, como podemos observar nas fontes, os conflitos militares ficaram restritos a períodos muito curtos (menores ainda que os efêmeros governos dos imperadores) e somente na mesma faixa territorial (nas proximidades de Cremona, no norte da Itália). Além disso, a guerra civil somente se instaura em dois momentos, ou seja, na transição entre Otho para Vitélio e de Vitélio para Vespasiano. Já na transição entre Nero e Galba e de Galba para Otho o que podemos observar é que os exércitos possuem de fato uma importância preponderante, mas que também era possível fazer um imperador através de outras vias que não a da guerra. Sendo assim, também convém estudarmos dois órgãos muito importantes e que foram “esquecidos” pela historiografia que se debruçou sobre esse período: a Guarda Pretoriana e o Senado, mas essa é uma tarefa a ser cumprida no futuro.

Referências

Documentação primária impressa

CASSIUS DIO. *Dio's Roman history*. English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, The Loeb Classical Library, 1961.

JOSEFO. *Jewish antiquities*. Translated by Ralph Marcus. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1965.

_____. *Guerra dos judeus*. Livros II-IV. Tradução de A. C. Godoy. Curitiba: Juruá, 2006.

- JULIO CÉSAR. *Comentários sobre as guerras civis*. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- LUCAN. *The civil war* (pharsália). Translated by J. D. Duff. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1928.
- MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A. (Eds.). *The Roman imperial coinage*. London: Spink and Son, 1936, v. 4.
- PLUTARCO. *Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas de José Luís Lopes Brandão. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.
- SUETONIO. *Vida dos doze césaes*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- TACITUS. *The Annals*. Translated by A.J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett publishing company, 2004.
- TÁCITO. *Anais*. Tradução de J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1952.
- TÁCITO. *As histórias*. Tradução de Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1937.
- TÁCITO. *Vida de Agrícola*. In: *Obras menores*. Tradução de Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.
- TACITUS. *The histories*. Translated by Kenneth Wellesley. London: Penguin, 1995.

Obras de apoio

- AUGUET, R.; CAZENAVE, M. *Os imperadores loucos*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1995.
- ABBOT, F. F. *A history and description of Roman political institutions*. Elibron Classics. Boston: Ginn & Company, 2006.
- ALFÖLDY, G. *Historia social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.
- ANDO, C. *Imperial ideology and provincial loyalty in the Roman Empire*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- BENEDIKTSON D. T. Structure and fate in Suetonius *life of Galba*. *Class. Journ.*, v. 92, p. 167-193, 1997.
- BENTLEY, M. *Companion to historiography*. London: Routledge, 1997.
- BILDE, P. Flavius Josephus between Jerusalem and Rome. *Journal for the study of the Pseudepigrapha*, Supplement Series 2, 1988.

- BOWMAN, A. K.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. *The Cambridge Ancient History. The Augustan Empire, 43 B.C.-A.D. 69*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, v. 10.
- BRAUN, L. Galba und Otho bei Plutarch und Sueton, *Hermes*, v. 120, p. 90- 102, 1992.
- BURKE, J. W. Emblematic scenes in *Suetonius Vitellius*. *Histos*, v. 2, 1998.
- CAMPBELL, B. *War and society in Imperial Rome: 31 BC–AD 284*. London: Routledge, 2002.
- CHAMPLIN, E. *Nero*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- CROOK, J. *Law and life of Rome*. New York: Cornell University Press. 1967.
- FAVERSANI, F. Tácito, Sêneca e a historiografia. In: JOLY, F. D. (org.). *História e retórica: ensaios sobre a historiografia antiga*. São Paulo: Alameda, 2007, p. 137-146.
- FERRERO, G. *História Romana*. Tradução de Brenno Silveira. Martins Editora, 1947.
- FRANGOULIDIS, S. Tacitus (*Histories* 1, 40–43), Plutarch (*Galba* 26–27) and Suetonius (*Galba* 18–20) on the Death of Galba, *Favonius*, v. 3, p. 1-10, 1991.
- GARNSEY, P. ; SALLER, R. *The Roman Empire: economy, society and culture*. London: Duckworth, 1987.
- GARNSEY, P. *Social status and legal privilege in the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press, 1970.
- _____. *The Roman Empire: economy, society and culture*. London: Duckworth, 1987.
- GENTILI, B.; CERRI, G. *History and biography in Ancient thought*. London Studies in Classical Philology, Leiden: Brill Academic Publishers, 1988.
- GRIFFIN, M. *Nero: the end of a dynasty*. London: B. T. Batsford, 1984.
- GREENHALGH, P. A.L. *The year of the four emperors*. London Weidenfeld and Nicolson, 1975.
- HENDERSON, B. W. *Civil war and rebellion in the Roman Empire: a companion to the histories of Tacitus*. London: Macmillan and Co, 1908.
- JOLY, F. D. A sociedade romana do Alto Império. In: SILVA, G. V. da; MENDES, N. M. (orgs). *Repensando o Império Romano: perspectivas socioeconômica, política e cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 21-53.
- _____. Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da *Vida de Nero*. *História*, São Paulo, v. 24, p. 111-127, 2005.
- _____. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004.

- _____. História e retórica em Tácito. In: LOPES, M. A. (org.). *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.
- KEITEL, E. "Foedum spectaculum and related motifs in Tacitus' *Histories*", *RhM*, v. 135, p. 342–351, 1996.
- _____. Otho's Exhortations in Tacitus' *Histories*, *Greece and Rome*, v. 36, p. 73–82, 1987.
- KEPPIE, L. The army and the navy. In: *Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, v. 10.
- MASSIE, A. *Nero's heirs*. Adelaide: Sceptre Australia, 2000.
- MALLMANN, M. *O centésimo em Roma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- MILLAR, F. *Study of Cassius Dio*. Oxford: Oxford University Press, 1964.
- _____. *The emperor in the Roman world*. London: Duckworth, 2001.
- MORGAN, M.G. An heir of tragedy: Tacitus *Histories* 2.59.3, *CP* 86, 1991, p. 128-43.
- _____. Dispositions for disaster: Tacitus *Histories* 1.31, *Eranos*, v. 90, p. 55–62, 1992.
- _____. The smell of victory: Vitellius at Bedriacum. Tacitus *Histories* 2.70, *Class. Philology*, v. 87, p. 14–29, 1992.
- _____. The three minor pretenders in Tacitus *Histories* 2, *Latomus*, v. 52, p. 769–796, 1993.
- _____. Two omens in Tacitus *Histories* 2.50.2 and 1.62.2–3, *RhM*, v. 136, p. 321–329, 1993.
- _____. The unity of Tacitus *Histories* 1, 12–20, *Athenaeum*, v. 81, p. 567–586, 1993.
- _____. "Rogues" march: Caecina and Valens in Tacitus *Histories* 1.61–70, *MH*, v. 51, p. 103-125, 1994,
- _____. Tacitus *Histories* 2.83–84: Content and Positioning. *Class. Philology*, v. 90, p. 166-175, 1994.
- _____. Vespasian's fears of assassination: Tacitus *Histories* 2.74–75", *Philologus*, v. 138, p. 118-128, 1994.
- ROLLER, M. *Constructing autocracy: aristocrats end emperors in Julio-Claudian Rome*. Princeton: Princeton University Press, 2001.
- ROSTOVTZEFF, M.I. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- RUDICH, V. *Political dissidence under Nero: the price of dissimulation*. London: Routledge, 1993.
- SHOTTER, D. A. C. *Nero*. London: Routledge, 1997.

- TORELLI, M. Roman art, 43 B.C. to A.D. 69. In: BOWMAN, A. K; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (orgs.). *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. v. 10.
- TOWNEND, G. Literature and society. In: BOWMAN, A. K; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (orgs.). *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006, v. 10.
- WARMINGTON, B. H. *Nero: reality and legend*. New York: Chatto & Windus, 1969.
- WELLESLEY, K. *The year of the four emperors*. Introduction by Barbara Levick. London: Routledge, 2000.
- _____. *The long year*. A. D. 69. Boulder: CO Westview Press, 1976.
- WIEDEMANN, T. E. J. "Tiberius to Nero". In: BOWMAN, A. K; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (orgs.). *The Cambridge Ancient History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. v. 10.